21:33 57%

mundo

Com Lula, Petro diz que Brasil apoia conciliação na Venezuela

Em visita a Bogotá, presidente brasileiro evita o tema e reforça laços com anfitrião

Sylvia Colombo

BOGOTÁ A Colômbia propôs a realização de um plebiscito na Venezuela para proteger direitos humanos e políticos dos opositores do ditador Nicolás Maduro —e o Brasil apoia a ideia, segundo o líder colombiano, Gustavo Petro, que esteve com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em Bogotá, nesta quarta (17).

Considerado aliado de Maduro, Petro esteve em Caracas na semana passada para tratar do que chamou de proposta democrática para garantir o "bem-estar do povo venezuelano". Ele não especificou, entretanto, quem eram seus interlocutores nem revelou detalhes do plano na ocasião.

Agora, diz que falou com Lula sobre a ideia e que o brasileiro manifestou seu apoio à proposta. O petista não comentou o assunto nem respondeu a questionamentos dos jornalistas presentes acerca da situação da Venezuela.

Em declaração conjunta após o encontro, lê-se que, sobre a Venezuela, os dois líderes sublinharam a importância de manter "a interlocução e o diálogo constante entre o governo e os demais setores políticos".

Ainda segundo a declaração, Lula e Petro "exortaram o governo e os setores de oposição a considerar a possibilidade de chegar a um acordo de garantias democráticas que possa ser referendado nas urnas" e "reiteraram seu repúdio a qualquer tipo de sanções que unicamente servem para aumentar o sofrimento do povo venezuelano".

O regime de Maduro e a oposição assinaram em outubro passado um pacto segundo o qual concordavam com a realização de eleições livres e com observadores internacionais na Venezuela. A ditadura, no entanto, vem perseguindo opositores e dificultando o acesso de rivais ao processo.

Aliados próximos de María Corina Machado —que venceu com folga as primárias da oposição mas está inabilitada a assumir cargos públicos por 15 anos— foram presos. A escolhida para substituí-la foi Corina Yoris, acadêmica que também não conseguiu inscrever sua candidatura. A oposição tem até o próximo sábado (20) para trocar o candidato inscrito, Edmundo Gonzalez, que não é nome consensuado pelo grupo.

Foi após o problema com a candidatura de Yoris que Lula mudou de tom com relação ao regime Maduro, antes blindado de críticas pelo governo brasileiro. Em nota, o Itamaraty disse que acompanhava "com expectativa e preocupação o desenrolar do processo eleitoral" na Venezuela.

Pela manhã, os dois líderes tiveram suas agendas alteradas em decorrência de um atraso de 1h30 no início do encontro bilateral. A reunião privada entre ambos durou duas horas, seguida de um almoço. Pouco se sabe sobre o que foi conversado, uma vez que a declaração à imprensa, prevista para depois do encontro, não ocorreu.

Horas mais tarde, em um discurso lido no Foro Empresarial Colômbia-Brasil, Lula afirmou que o Brasil sempre "deu as costas para a América Latina e para a África".

"Somos um continente colonizado, voltado para a Europa ou para a economia mais pujante, a dos Estados Unidos. E isso só nos trouxe pobreza. Hoje os EUA têm como projeto construir um muro para separar-se dos latino-americanos", disse Lula, em referência à promessa renovada de Donald Trump de levantar uma barreira física na fronteira com o México.

> Somos um continente colonizado, voltado para a Europa ou para a economia mais pujante, a dos EUA. E isso só nos trouxe pobreza. Hoje os EUA têm como projeto construir um muro para separar-se dos latino-americanos
>
> **Lula**
> durante visita a Bogotá

Lula também lançou perguntas aos empresários que o assistiam. "A Colômbia não é um país qualquer. O que falta para que o Brasil perceba que a Colômbia é um país virtuoso em que vale a pena investir? E o que falta para que a Colômbia veja o Brasil como um parceiro único, para quem podem exportar e importar?".

O brasileiro disse a Petro que ambos devem trabalhar juntos para "encontrar os obstáculos que impedem uma maior integração entre os dois países". Ao dizer que os dois líderes devem manter uma postura altiva e que "se essa integração ocorrer, os EUA e a Europa vão nos respeitar", foi aplaudido pelos presentes.

"Por que não há uma Finlândia, uma Suécia, na América Latina? Por que somos todos pobres? Temos de parar de ter medo dos demais", argumentou Lula.

Os chanceleres Luis Gilberto Murillo, da Colômbia, e Mauro Vieira, do Brasil, assinaram atos e tratados de colaboração nas áreas de segurança, ambiente, agricultura e de políticas de gênero. Entre eles, o ato para combater o tráfico de pessoas e um acordo de colaboração na área de comunicação.

Estavam presentes na cerimônia ministros de ambos os países. Do lado brasileiro estavam presentes também os escritores Ailton Krenak e Fernando Morais. Ambos participam da Feira Internacional do Livro de Bogotá, que começa também nesta quarta-feira.

Colaboração Lucas Alonso, de São Paulo

O presidente da Colômbia, Gustavo Petro, e a primeira-dama Verónica Alcocer García recebem Lula e Janja, em Bogotá Juan D Cano/Divulgação/Governo da Colômbia

EUA retomam sanções contra Caracas devido a perseguição de opositores

SÃO PAULO O governo dos Estados Unidos vai retomar sanções contra os setores de petróleo e gás da Venezuela devido ao cerco imposto pelo regime à oposição antes das eleições previstas para julho, disseram nesta quarta-feira (17) autoridades americanas. A lisura do processo eleitoral tem sido questionada desde que os principais adversários do ditador Nicolás Maduro foram impedidos de participar da disputa.

Washington havia levantado as sanções ao setor energético venezuelano em outubro de 2023, por um prazo de seis meses, após diálogos entre o regime de Maduro e a oposição. O processo, mediado pela Noruega, ficou conhecido como Acordo de Barbados e estava condicionado a eleições livres e transparentes.

O acordo havia estabelecido a participação da oposição nas eleições marcadas para 28 de julho, nas quais Maduro busca um terceiro mandato, além da presença de observadores internacionais no pleito. No entanto, a principal adversária do ditador, María Corina Machado, permanece inabilitada, e Corina Yoris, nomeada por ela como substituta na corrida eleitoral, não conseguiu inscrever sua candidatura.

Insatisfeita com a situação, Washington advertiu várias vezes que, se Caracas não mudasse de rumo, iria reimpor as sanções. Em janeiro, a Casa Branca já havia reativado as sanções à empresa estatal de mineração de ouro, depois que o Tribunal Supremo de Justiça da Venezuela ratificou a inabilitação de María Corina.

Já a medida que alivia as sanções contra o petróleo e o gás expira nesta quinta (18) e não será renovada. Embora Maduro tenha cumprido alguns dos compromissos firmados em Barbados, pontos-chave do acordo têm sido desrespeitados, disseram autoridades americanas à agência Reuters.

O governo americano deve estabelecer um período de 45 dias para que empresas encerrem seus negócios e transações vinculadas aos setores de gás e petróleo da Venezuela, de modo que a expiração não provoque "incerteza no setor global de energia", de acordo com o jornal americano The New York Times.

Com Reuters e AFP

Eles preferem Trump

Republicano atrai de volta bilionários que denunciaram ato golpista no Capitólio

Lúcia Guimarães

É jornalista e vive em Nova York desde 1985. Foi correspondente da TV Globo, da TV Cultura e do canal GNT, além de colunista dos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo

Os aplausos irromperam, numa espontânea quebra de etiqueta no aborto do reduto da elite nova-iorquina. Naquela noite de novembro de 2016, o restaurante 21 Club, frequentado por presidentes, empresários e estrelas de Hollywood até fechar durante a pandemia, dava as boas vindas ao presidente recém-eleito, dias depois da vitória que ele mesmo não esperava.

Donald Trump nem fingiu desconhecer o motivo da súbita adulação de uma classe que, até então, o rejeitava em festas da alta sociedade e comitês de museus. "Vamos cortar os impostos de vocês," anunciou aos comensais.

No último dia 6, num salão decorado no estilo já descrito como "neo-Saddam Hussein", o bilionário financista John Paulson —fortuna de US$ 3,5 bilhões— disse à nova plateia de comensais, que pagaram US$ 250 mil para provar a culinária medonha do clube Mar-a-Lago: "Um dos pontos centrais da nossa agenda é estender os cortes de impostos aprovados em 2017."

Os cortes que Trump entregou e beneficiaram com desfaçatez pornográfica o 1% no topo da pirâmide de renda expiram em dezembro de 2025. Na terça-feira (16), Joe Biden vestiu a carapuça que os republicanos acreditam ser infame. Falando de sua cidade natal, Scranton, na Pensilvânia, Biden denunciou o regime fiscal que beneficia bilionários em detrimento das classes média e trabalhadora.

Sim, papo de campanha, mas longe de ser distorção da realidade que aguarda os americanos se o atual réu de um julgamento em Manhattan voltar a ter acesso às alavancas do poder.

Seria simplista concluir que apoiar um criminoso dando sinais de franca deterioração cognitiva é um gesto automático de autointeresse para os senhores do universo do capitalismo americano. E é injusto afirmar que esta classe de detentores de grandes fortunas é monolítica.

Mas há de haver um lugar especial no inferno reservado para homens —sim, maioria homens— de meia idade ou idosos tratando uma eleição que pode destruir a democracia como um bilhete premiado de loteria, em negação do país que seus descendentes vão herdar.

As desculpas dos filhos pródigos de Mar-a-Lago desafiam a credulidade. Vários doadores de Trump neste ano o rejeitaram e denunciaram pela invasão do Capitólio. É preciso combater "o câncer da justiça social", clama um bilionário, convencido de que a maioria esmagadora dos eleitores, formada por não ricos, torce por injustiça social.

Um que se desculpou por ter votado em Trump, no dia seguinte à invasão do Capitólio, disse que decidiu apoiá-lo por causa da "condição mental" de Biden. Outro diz que Trump é bom para o mercado de capitais. Esqueceu que Wall Street teve desempenho melhor sob Joe Biden e, convenhamos, Wall Street não é a economia experimentada pela população. A cereja no bolo dos financistas seria a promessa de Trump de dizimar mecanismos reguladores do mercado.

Devaneios autocráticos de bilionários como Elon Musk sugerem que eles e seus pares parecem viver numa bolha, ignorantes das consequências de coroar um novo Viktor Orbán ou Vladimir Putin. Orbán assalta capitalistas na Hungria com disciplina e método. Putin, o bundão subalterno da KGB, foi elevado por oligarcas já num sistema de corrupção endêmica, crime organizado e terror do Estado.

O país que praticamente inventou o anticomunismo sofre de amnésia sobre o papel da política na liberdade econômica.

| DOM. Sylvia Colombo | TER. Mundo Leu | QUI. Lúcia Guimarães | SÁB. Igor Patrick